



# O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00

## EDITORIAL

Como é do conhecimento geral, as eleições realizadas na freguesia de Fão deram a vitória por larga maioria à lista do PSD. Este em termos de conjunto, era a lista mais credenciada, embora se reconheça, que nos outros grupos partidários se destacassem personalidades que, se colocadas na Junta ou na Assembleia da Freguesia, seriam muito úteis para a terra.

A vitória deveu-se sobretudo ao elenco apresentado e à impetuosidade da campanha que foi muito bem lubrificada por uma ampla capacidade financeira. Um exemplo: aquando da exibição do conjunto «pop» G.N.R., realizada no Ginásio da Es-

## A CONTAGEM JÁ COMEÇOU

cola Preparatória de Esposende, a que a juventude de Fão acorreu em peso, Alberto Figueiredo subiu ao palco e em poucas palavras mostrou-se lapidar, elucidativo e convincente: «Se eu for presidente da Câmara, tereis todos os anos um conjunto destes na vossa terra (concelho). Não pedi votos, nem era preciso. No dia 17, a sala n.º 3, no edifício Amorim Campos, destinada aos jovens eleitores, manteve permanente fila de votantes. Quase quatrocentos foram para o PSD.

Depois Alberto de Figueiredo é sinónimo de emprego. Em Fão, na Apúlia, em Fonteboia e Rio Tinto há falta de mão de obra. Os pais e os jovens foram sensíveis a esse fenómeno.

Insistimos no entanto: o núcleo dos Bombeiros inserido na lista do PSD foi factor primordialmente decisivo na vitória alcançada.

Agora o povo de Fão vai cobrar a factura ou seja o cumprimento integral das promessas acenadas. Nós vamos recordar algumas; A curto prazo, portanto, dentro de um ou, quando muito, dois anos; *Centro Cultural. Aquisição de edifício ou edifícios e adaptação ao fim em causa (cultura) com diversos serviços: Biblioteca, Galeria, Auditório, Museu. Escola de Música e Ballet.*

Sem dúvida que se trata de um empreendimento muito útil para a terra. Pode ser que sob a égide desta Junta se consiga incorporar finalmente no património autárquico a sebastiânica (leia-se muito desejada) Casa dos Vilachãs.

Ainda a curto prazo: *Pavilhão Gimno-desportivo, Posto Náutico e zona de apoio, pat green (golfo), circuito de manutenção e lago de marés.* A médio prazo, isto é, dentro de dois ou três anos: uma piscina.

Com tudo isto, Fão dará um passo em frente muito significativo.

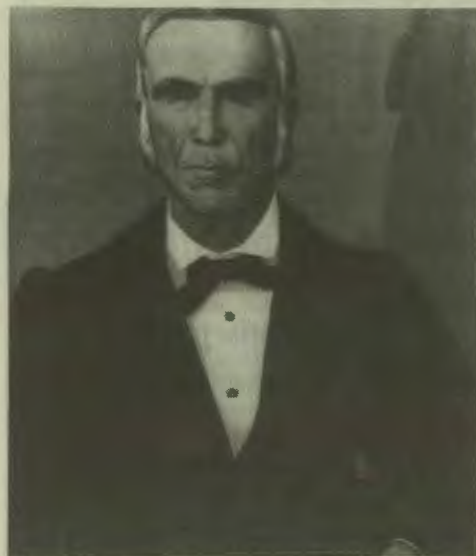
(Continua na pág. 2)

## O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

### FRANCISCO DIAS DOS SANTOS BORDA

(Continuação)



É de aceitar que o primeiro Hospital de Fão seja quase contemporâneo da sua Misericórdia. Atente-se contudo que naquele tempo, séc. XVI e sgs., o conceito de hospital ainda se confundia com o de albergue, hospício e albergaria, sendo destinado essencialmente a dar hospitalidade às pessoas de passagem, sem morada na localidade, durante um, dois, três dias, no máximo, a não ser que adoecessem.

É verdade que já na Idade Média havia hospitais para doentes, mas eram raros. Os enfermos em geral tratavam-se nas suas casas a não ser que fossem demasiado pobres e não tivessem casa para se acoitarem.

Como acentuámos acima, a função primeira de um hospital (vem do latim hospitalis = hóspede) era dar hospedagem a pessoas que em geral eram peregrinos. Lembramos a propósito uma das Obras de Misericórdia: Dar pousada aos peregrinos. Estes mais que os feirantes, eram os principais caminheiros naquelas épocas remotas. É o contrário do que acontece hoje onde as motivações de viagens são essencialmente duas: negócios e turismo.

É deduzível, porém, que as várias casas que nos séculos XVII e XVIII serviram de hospital em Fão, com o evoluir dos tempos, se tenham cada vez mais aproximado da missão específica de tratar doentes. De resto qualquer casa podia servir de hospital, inclusivé alguns aposentos dos edifícios onde moravam os próprios doadores (1).

Como nos deixa antever Alberto Antunes de Abreu (2), a Misericórdia de Fão conheceu altos e baixos e o seu Hospital acompanhou reflexamente as flutuações da instituição que a administra-

va. Tudo leva a crer que em finais do séc. XVIII nas havia qualquer hospitalar na terra, não conhecendo nós quaisquer notícias nem pistas acerca da última casa que em Fão teria exercido funções hospitalares durante a centúria de setecentos.

O certo é que no início do séc. XIX a existência de tal edifício era uma necessidade reclamada consensualmente e dessa aspiração colectiva foi porta-voz um mesário que numa reunião da Direcção da Santa Casa, em 1801, apresentou uma proposta para a construção de um hospital, proposta que não se concretizou por falta de recursos. Outra proposta deve ter surgido em 1804, pois sabe-se que D. João VI, por alvará de 10-1-1805, aprovou os estatutos do novo hospital «do lugar e da freguesia de Fão» (3). Pode ser que o acto régio seja consequência ainda da proposta de 1801. Apesar da autorização real, o hospital ou o projecto do hospital ficaram na gaveta dos desejos.

Até que em 1848 surge nova proposta. seria a 2.ª? a 3.ª? Não interessa. O certo é que vingou. Fão nessa época deveria passar por uma fase próspera. Cordoeiros, pescadores, construtores navais, lavradores e marinheiros constituíam a base da sua população.

Três homens se mostraram logo disponíveis para encabeçar a comissão de obras: Francisco Dias dos Santos Borda, construtor naval, João Barbosa, grande industrial de cordoaria, e José Joaquim Cardoso, com estabelecimento de panos. A estes foram posteriormente agregados António José Vilachã, proprietário e capitalista e João dos Santos Cardoso, capitalista e comerciante no Porto.

Não chegamos a uma conclusão certa quanto ao início e fim das obras. O início deve ter se acontecido em 1848 e a sua conclusão verificou-se em 1850 ou 1851.

Com efeito num destes anos (4) o triunvirato que encabeçou a comissão de obras deslocou-se ao Porto, ao estabelecimento de João Santos Cardoso, já referido — e que o rev. Avelino Borda nos

### Laurentina Torres

*Da ex-Presidente da Câmara, Laurentina Torres Losa de Faria, recebemos um amável ofício onde manifesta o «profundo reconhecimento pela colaboração e por todas as atenções dispensadas»*

*Também nós nos sentimos obrigados a agradecer todas as amabilidades e especiais deferências baidas para conosco. Como município, saudamos a honestidade com que Laurentina Torres desempenhou as suas funções e agradecemos os trabalhos e cansaças empenhados na defesa do concelho.*

# FRANCISCO DIAS DOS SANTOS BORDA

(Continuado da pág. 1)

informou ser avô da D. Sarinha — a quem expuseram a situação calamitosa do hospital. Disseram-lhe mais que se não houvesse um benemérito que socorresse o hospital com esmolas, este dificilmente poderia sobreviver. Esta diligência que colhemos no já referido Esposendense dá-nos conta, portanto, que o hospital já estava pronto por essa altura. Respondeu-lhes Santos Cardoso que a Comissão chegara tarde mas «que havia de fazer tudo o que pudesse para auxiliar tão grande obra». E o certo é que por sua morte a Misericórdia recebeu a 8.ª parte do seu remanescente, o que equivalia na altura a 14 contos, importância esta que hoje valeria alguns milhares de contos de reis.

A comissão fundadora, além de entrar com capitais próprios, pediu a amigos o auxílio máximo que pudessem dispor em dinheiro e outras ajudas tais como carros, madeiras, etc. Vieram esmolas de Gemeses, Fonteboa, Perelhal, principalmente das abastadas casas da Ermida e do Retiro desta última freguesia.

Concluindo o edifício, cada um dos membros fundadores ofereceu uma cama completa para os enfermos. Esclarecemos que se trata da casa onde está hoje o Café do Rio.

Os doentes que o Hospital albergou inicialmente foram Francisco Sabido e Ana Fernandes Azevedo. O primeiro, «pobre, sem família, muito velho e a viver na maior miséria, homem de cor, bom cristão», morava numa imunda casa na Cangosta dos Godos, «mais parecida com uma pocilga de porcos do que habitação para criaturas humanas».

A Mesa a que presidia Francisco Borda foi buscá-lo acompanhado de uma bande de música e de todas as irmandades da freguesia. Francisco Sabido, depois de «lavado e asseado» foi incorporado na procissão em cima de uma carrela.

Durou poucos meses o Tio Sabido. Foi enterrado junto à igreja da Misericórdia, lado do rio.

Com a pretensa descrição do primeiro hospital moderno existente na nossa freguesia, pretendemos destacar o prestígio de que Francisco Dias dos Santos Borda gozava, a sua capacidade económica, com grande dinamismo e bem assim a índole filantrópica de que era possuído. Vislumbrámo-lo como um grande senhor e um homem de respeito.

Por carência de meios, o hospital fechou em 1853 para reabrir em 1855 devido ao flagelo da cólera que se abateu sobre a freguesia. Com um percurso acidentado lá foi sobrevivendo durante décadas até que no início deste século se chegou

à conclusão que o edifício da avenida Dr. Manuel Paes não correspondia já às necessidades, quer da freguesia quer do sul do concelho. Formou-se então uma nova comissão presidida pelo dr. Augusto Moreira Pinto e composta ainda pelo Lourenço Viana, Francisco Fernandes Gaifém, Manuel José de magalhães com a missão de construir um novo edifício, que é o actual hospital, e que ficou concluído e foi entregue à Mesa da Santa Casa em 30 de Setembro de 1908. Essa Mesa era constituída por Manuel José de Magalhães, João Victor Carneiro, José Fernandes Gaifém, Francisco Teixeira Gomes, António Dias dos Santos, Luís Francisco da Silva, António José da Costa e José Domingos da Venda.

Duas famílias se destacavam em Fão nessa altura: Campos Morais e Correia Leite que ofereceram importantes donativos.

(Continua)

(1) Fernando da Silva Correia. Origem e formação das Misericórdias em Portugal.

(2) O arquivo e as origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão.

(3) Alberto Antunes de Abreu. Obra citada.

(4) O Espodendense de 1913.

## EM FÃO BREVEMENTE

### CASA BOM JESUS

Com Materiais de Construção

Na Rua Azevedo Coutinho  
c/ Armazém na Rua dos Lírios  
de  
**MANUEL FERREIRA CURTO**

## CUMPRIMENTOS

Da Delegação no Porto da Direcção Geral da Comunicação Social recebemos a amável carta que a seguir publicamos.

*Ex.mo Senhor Director:*

*Para V. Ex.a e todos os colaboradores do seu jornal, BOAS-FESTAS e PRÓSPERO ANO NOVO. Que 1990 seja o ano da concretização das mais justas aspirações para o projecto Comunicação Social.*

*São estes os votos que num abraço de amizade, o Director da Delegação do Porto deseja.*

Dialino Esteves

Os nossos agradecimentos.

## EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Mas há mais. No que respeita a habitação vamos ter casas com rendas sociais e habitações de custo controlado. Quem desejar construir, será beneficiado com a venda de lotes de custo reduzido com fornecimento opcional de projecto tipo, isto é, com fornecimento de planta.

Prudentemente não se marca prazo mas de certeza que em quatro anos tudo estará realizado.

Fão irá ainda ser beneficiada com um Plano geral de Urbanização ou com planos de pormenor.

O turismo também não foi (nem deve ser) esquecido. Assim teremos uma Escola Profissional (de ensino médio). Vão ser construídas novas instalações para um Posto de Turismo a sério. Lembramos que deviam ser demarcados e salvaguardados terrenos para possíveis unidades hoteleiras, terrenos com preços meramente simbólicos.

A sul da vila está projectada a demarcação de uma área destinada à implantação de comércio por grosso e indústrias não poluentes com tecnologia de ponta.

Não diz o manifesto do PSD que efectivamente vamos ter indústrias com tecnologia de ponta, mas que fica o caminho aplanado para «potenciais empregadores» que virão ou não.

Os nossos pescadores artesanais (uma espécie em vias de extinção) vão ser apoiados com um ancoradouro e abrigo a norte da ponte.

Nos capítulos rotulados com *Saneamento, Meio Ambiente e Acção Social*, destacamos um sanitário no meio da vila, recuperação das captações de água em Santo António e Bonança, Arranjo da Marginal, Arranjo da área de Caldeirão, recuperação do Facho da Bonança e criação de um parque infantil. As várias alíneas do «Meio Ambiente» são de fácil execução e de efeitos espectaculares.

Não podemos deixar de concordar com este plano até porque muitos destes temas vem sendo insistentemente reclamados pelo nosso jornal ao longo dos seus cinco anos e meio de vida. Ficarão assim criadas as infra-estruturas que poderão constituir as verdadeiras alavancas do progresso de Fão.

Agora, mãos à obra. A contagem começou.

## PARQUE INFANTIL E OBRAS NA ALAMEDA

Já no fim do seu mandato, a Junta procedeu ao arranjo da Alameda e à montagem de um parque infantil nos terrenos que eram de António Miguel e hoje pertencem à Junta.

Por que demorou a autarquia a efectuar esta pouca dispendiosa obra mas com agradável efeito?

Parabéns ao insistente e persistente Adelino Saraiva, Juiz da Confraria do Bom Jesus.

A Alameda vai ficar uma sala de visitas à Fão.

NOVA GERÊNCIA



# Calatrava

## albergaria

★★★★ [R]

Gasthaus ★★★★★

Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fátima Júnior, 157 - Telef. 22011-27434 - Telex 33331 Latrav - 4900 VIANA DO CASTELO

# DE APÚLIA

**FALECIMENTOS** — No passado mês de Dezembro verificaram-se os seguintes óbitos:

— No dia 3, Maria Alves Amorim, nascida em 06-02-1898, filha de José Gomes Amorim e de Maria Gomes Alves, natural da freguesia de navais, concelho da Póvoa de Varzim, e residente no lugar de Paredes, desta vila. Era viúva de José Lopes Ribeiro (Sola).

— Em 12, Laura Fernandes Riras, nascida em 18-02-913, filha de Manuel Fernandes Elras e de Belarmina Cardoso Agra, viúva de Adelino Gomes Torres. Vivia no lugar da Igreja e era natural de Apúlia.

— No Lugar de Criad, no dia 22, Maria Fernandes Coelho, nascida em 31-08-903, filha de Manuel Joaquim Fernandes e de Avelina Joaquina Coelho.

— Em 24, no lugar da Areia, Justina Fernandes Torres, nascida em 09-12-904, filha de Paulo Fernandes Torres Pereira e de Maria Fernandes Oliveira. A extinta era viúva de Saul Francisco Igreja.

— No lugar de Paredes, no dia 28, Emília Rodrigues Ferreira, nascida em 15-03-915, filha de António Ferreira Moura e de Maria Rodrigues Ribeiro, casada com António Gonçalves Cardoso, que também faleceria poucas horas depois. Ele, nascido em 29-08-912, era filho de Domingos Gonçalves Marcos e de Firmina Cardoso da Silva.

Os funerais deste casal de apulienses, realizaram-se na manhã, e na tarde do mesmo dia, e deixou consternada toda a população daquele lugar, que sempre os conheceu unidos na vida, e os via agora unidos na morte.

**DOENTES** — Tem sentido sensíveis melhoras, tendo até regressado já a sua casa depois de internamento hospitalar, o senhor Avelino Fernandes Filipe, figura bem conhecida de toda a Apúlia, pelos cargos sociais que desempenhou.

— Em sua casa, no lugar da Igreja, encontra-se também muito doente, outra figura muito respeitada e conhecida por todos os apulienses, o senhor António de Sá Lopes Fernandes, que já desempenhou cargos de grande responsabilidade na Junta de Freguesia, Regedoria, e casa do Povo.

— Também se encontra gravemente enferma a senhora D. Maria Lopes Veloso, viúva de António Fernandes Torres, um homem que Apúlia não esquece.

Para todos desejamos rápidas melhoras.

**FUTEBOL** — O nosso representante no Campeonato Distrital de Futebol da Associação de Braga, ultimamente não tem andado bem. Nos resultados e nas exhibições. Nestas, então, a categoria individual de alguns atletas, não consegue disfarçar o fraco nível das últimas exhibições.

Não estão em causa nem o brio, nem o esforço, nem a categoria dos atletas, que já nos proporcionaram boas exhibições. As coisas não estão a correr bem, mas como eles são os mesmos, e não desaperceberam de jogar, melhores dias virão.

Os últimos resultados: Gandra, 2 - Apúlia, 1; Apúlia, 0 - Tadm, 0. Mercê destes dois resultados, o nosso representante já não lidera a sua série.

Há semelhança de outros anos, todos os atletas inscritos no nosso clube receberam a tradicional consoada de Natal, bolo-rei e champanhe para cada um.

A entrega, feita pela Direcção do Clube, decorreu no fim do último treino, em vésperas de Natal.

**APÚLIA E AS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS** — Tal como se previa, decorreram em perfeita normalidade e civismo, as eleições Autárquicas do dia 17 de dezembro, nesta vila de Apúlia.

Os resultados, tal como se previa também, foram favoráveis ao PSD que venceu para a Câmara, Assembleia Municipal e Assembleia de Freguesia, por maioria esmagadora.

Como o concelho também votou maioritariamente PSD para a Câmara, ascende ao honroso (mas difícil) cargo de Presidente o nosso conterrâneo Alberto Queiroga Figueiredo, um jovem empresário, bem conhecido a nível de concelho e também do Distrito, um homem com (M) grande, competente e empreendedor e de uma honestidade acima de quaisquer suspeitas.

Por força desta eleição, deixa o cargo de Presidente da Câmara, a nossa conterrânea Professora D. Laurentina Torres, e foi também a primeira mulher que ascendeu algum dia a Presidente da Câmara de Esposende. E fê-lo com muita dignidade e capacidade, não obstante algumas ingratidões do percurso.

Por um e pelo outro, pelo passado e pelo futuro, Apúlia sente-se muito honrada por estes seus ilustres representantes.

— A nova Junta de Freguesia, que nesta data ainda não tomou posse, vai ser constituída pelos seguintes apulienses: José dos Santos Fonseca, Presidente; José Luís Queiroga, Secretário e Firmino Fernandes Dias, Tesoureiro.

## ÁFRICA, ADEUS!

por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Dirigi-me à Fábrica de Óleo de Palma, deis instruções aos trabalhadores, certifiquei-me de que tudo estava a correr bem. Pouco depois cheguei ao criado. «Patrão, o Soba não estava na sanzala, tinha ido para a lavra, mas eu deixei recado para quando ele chegar ir falar com o patrão». «Está bem, podes ir», respondi.

Naquele dia nada mais de importante aconteceu, tudo correu normalmente e o Soba naquele dia não apareceu. No dia seguinte, pelas nove horas aproximadamente, chegou o Soba, meio desconfiado. «Então Congo, como estás?», adiantei. «Obrigado», respondeu. «O Ramos mandou-me chamar?» «Mande sim», respondi. «Quero que me digas onde está o Francisco Mutange». «Ele foi no outro lado do Dange», respondeu o Soba. «Bem, como sabes, o chefe esteve aqui ontem, e disse que o Francisco não foi nada para o outro lado. Portanto tu procura-o e dizes depois onde está ele».

O rosto do velho Soba tomou uma expressão de medo e depois, concluiu: «Está bem, eu vou procurar». «Queres beber um copo?», perguntei. «Sim», concordou o Soba. Entrei na cantina, na sua companhia, enchi um copo de vinho e entreguei-lho.

Enquanto se dispunha a beber o vinho, disse-lhe: «Congo, tu sabes que eu sou teu amigo e amigo do teu povo; sabes também que os trabalhadores aqui da roça são sempre defendidos e ajudados naquilo que for preciso. Agora desapareceu o Francisco que já trabalha aqui há muitos anos. Se ele foi para Bulangongo, é lá com ele, mas o chefe diz que ele não foi para lá. Portanto, vê onde é que ele se encontra».

«Sim, Ramos, eu vou procurar», respondeu o Soba. Dito isto, despediu-se e partiu em direcção à sanzala. Consultei o relógio e constatei que já era um pouco tarde para levar as minhas filhas a Vista Alegre onde frequentavam a Escola Primária. Chamei então a minha esposa. «Bira, as meninas estão prontas? Que se despachem que está a ficar tarde».

As duas crianças saíram de casa a correr em direcção ao carro, e imediatamente arranquei em direcção a Vista Alegre. Ao passar pela sanzala Kaiaka, reparei que os seus habitantes não me saudaram como era habitual. No seu olhar havia uma expressão que eu não sabia classificar. Talvez uma mistura

A Assembleia de Freguesia terá a seguinte constituição: Angélica Barros Tomé, Presidente; Manuel Roso Gonçalves Moreira e Benjamim Franclim Lopes Barros, vogais.

Pela primeira vez uma mulher faz parte da Autarquia apuliense. E pode dizer-se que a escolha foi feliz, pois a Angélica já deu sobejas provas do seu bairrismo e do seu dinamismo.

Também a Junta de Freguesia está constituída por homens responsáveis, com boas provas de competência e de trabalho dados ao longo dos anos, sobretudo a nível do desporto local, que todos já serviram nos mais difíceis cargos.

A Junta e Assembleia de Freguesia são de maioria absoluta do PSD.

### OS ESPORÕES E AS NOSSAS PRAIAS

— A destruição pelo mar das praias das Pedrinhas e Cedovem, continua irreversível. Parece que não há nada que lhes valha. Nem a televisão, por inconclusiva e mal informada, ajudou a causa dos apulienses que se batem pela destruição urgente do esporão das Pedrinhas.

Vamos todos estar atentos, porque já se fazem outros esporões mais a sul daquele.

É, um mal nunca vem só.

de medo e ódio. Continuei viagem até Vista Alegre, e, depois de ter entregue as minhas filhas na Escola, regresssei à Fazenda, onde a vida decorria normalmente.

Pelas duas horas da tarde, aproximadamente, cheguei o Soba com o velho Mutange que, se dizia pai do Francisco. «Então, Congo, que novidade me trazes?», perguntei. «Bem...», respondeu o Soba, como tu mandaste procurar o Francisco, nós fomos procurá-lo e encontrá-lo morto. Está ali à entrada da mata da fazenda Maria Helena».

«Ah, seus cães», exclamei furioso, «você mataram o Francisco!» «Não», exclamou o Soba, «ele morreu com a doença. Está aqui o pai que pode falar». «É verdade», acrescentou o velho Mutange.

«Então vocês querem-me convencer que o homem desaparecido há oito dias e por conseguinte morto, não fosse procurado por vocês? E que só agora, porque eu mandei procurar, é que vocês foram? Sempre souberam onde ele estava. Vou já entregar-vos ao chefe do Posto para que ele faça justiça. Vamos, subam os dois para cima do carro».

«Lourenço», chamei. O enfermeiro aproximou-se. «Precisa de mim, sr. Ramos?» «Sim, anda comigo. Vai aí em cima do carro e toma conta desses dois patifes. Não os deixes fugir».

Avisei a minha esposa de que ia ao Posto de Cambamba. Ela ficou preocupada, como é natural. Entrei para o carro e arranquei em direcção a Cambamba, 25 km de picada batida. Se chovesse só com correntes nos pneus poderia prosseguir viagem, mas, por sorte, não choveu naquele dia e a viagem correu normalmente.

Agora era preciso que o Chefe se encontrasse no Posto pois podia andar por fora em serviço, o que seria um contratempo. Pois também aí tive sorte, encontrava-se lá.

Imediatamente me fiz anunciar pelo cipaio que se encontrava à porta.

Momentos depois o cipaio convidou-me a entrar e dirigiu-me ao gabinete do Chefe. Este, ao ver-me, levantou-se, caminhou na minha direcção, cumprimentou-me e convidou-me a sentar.

Continua

## Boas-Festas

Tiveram a amabilidade de enviar Boas-festas as seguintes entidades: Laurentina Torres, ex-Presidente da Câmara de Esposende; Artur Sobral, João Paulo Sequeira, Dr.ª Maria Rosa Portela, Esposende; a Direcção Regional de Agricultura de Entre-Douro-e-Minbo, Odete Pirote, Eng. Armando Ramos, do Porto; Pedro Viana, Guimarães; Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão; Cengol, de Lisboa; João de Barros, Porto; Manuel Raimundo Domingues Ferreira, de S. Paulo; Cremilde Lopes Costa, Porto Alegre; dr.ª Maria do Sameiro Oliveira Martins, de Lisboa; Cecília Amorm, Lisboa e Fernando de Almeida que nos enviou também o significativo boneco que publicamos a seguir.



## OS ESTALEIROS NAVAIS DE ESPOSENDE E FÃO NOS SÉCULOS XIX E XX

### UM ESCLARECIMENTO

Num contributo muito benéfico para um mais vasto conhecimento do que foram as actividades da construção naval em Esposende e Fão e correspondendo até ao apelo do livro que publiquei e na sua introdução — página 10 — de que «se incentivem as buscas por arquivos particulares e oficiais, dado que é sabido que algumas construções eram feitas sem registo e nos nossos arquivos muitas vezes pecaram por desmazelo ou descuido...» prestou já a sua colaboração o Senhor Óscar Fangueiro, felizmente também dedicado a estes apaixonantes estudos das actividades navais.

Em nota publicada em 10-12-1989 entendi aquele citado investigador ter verificado a ausência de alguns navios nas citações a mais de 200 que o livro comporta. Como indica 11 navios, pode interferir-se que é este o número em falta o que não é exacto e estou em crer que não era esta a intenção do seu esclarecimento. É que destes 11 navios, 6 estão registados no livro que publiquei, pela seguinte ordem:

1915 — Vencedor - Lugre - registado na página 87, lista do «Cávado». 1917 — Clara - Ex-Esperança - registado na pág. 70, com o n.º 74. 1919 — Navegante 1.º - Palhabote - registado na pág. 74, com o n.º 86. 1920 — Ave-Maria - Ex-Estrela - registado na pág. 74, com o n.º 99. 1923 — Patriotismo - Lugre - registado na pág. 80, com o n.º 108. 1924 — Navegador - Ex-Esperança - 2.º registado na pág. 80, com o n.º 107.

O nome de João Borda, realmente nunca surgiu, como construtor naval, nos Arquivos da Capitania do Porto de Viana do Castelo e muito menos o de António Caramalho, em 1936,

conforme me indica em correspondência trocada, o Senhor Óscar Fangueiro. Dos restantes 5 nomes, que a lista de «O Cávado» não cita e também a Capitania de Viana do Castelo não indica, poderão ser construções efectuadas fora do concelho de Esposende.

Mas na investigação histórica há sempre a hipótese remota de que outra luz se faça e nesse aspecto, aqui fica o meu agradecimento ao senhor Óscar Fangueiro pelo seu excelente contributo.

Bernardino Amândio



o que é bom da natureza

## AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Esperamos que, com todas as iguarias próprias da quadra festiva que passou, o colesterol tenha dado uma respeitável subida. No entanto, vamos tentá-lo com estes

### CROQUETES MUITO BONS

Toma-se a quantidade que se quiser de carne picada e mistura-se com presunto cozido, picado muito miudinho, temperando-se com queijo ralado, noz moscada, pimenta em pó, salsa picada, sal e gemas de ovos q.b.

À parte, faz-se um refogado com cebola picada, que se aloira em manteiga. Deita-se, então, este refogado sobre o picado e deita-se tudo numa caçarola onde já se deitara pão aos bocados embebido em leite. Mistura-se tudo, até ligar muito bem.

Tira-se do lume e deixa-se arrefecer completamente. Mistura-se, então, as claras batidas em castelo, formam-se os croquetes, que se envolvem em pão ralado, depois em gema de ovo e novamente em pão ralado.

Fritam-se em bastante azeite (ou óleo), com um raminho de salsa.

E, já que falamos em pão ralado, que tal um

### BOLO DE PÃO RALADO

Ovos, 4; açúcar, 4 colheres de sopa; pão ralado, 4 colheres de sopa. (O pão ralado deve ser do mais grosso); Canela, q.b.

Batem-se muito bem as gemas com o açúcar e vão-se misturando alternadamente colheres de pão ralado e de claras batidas em castelo muito firme.

Mistura-se, depois, uma colher de sopa de fermento em pó e uma pitada de canela, deitando-se tudo numa forma bem untada com manteiga e vai ao forno. Estando cozido, tira-se da forma e corta-se horizontalmente, recheando-o com um creme que se fez previamente, com leite, farinha maizena, uma gema e uma pitada de baunilha em pó.

Unem-se as 2 partes do bolo, ficando este creme no meio, e salpica-se com açúcar e canela.

Oxalá gostem, e o colesterol também...

Um abraço e votos de BOM ANO NOVO da

TIA MARIQUINHAS.

## FALECIMENTOS

— No dia 7 de dezembro faleceu em França, com 43 anos, Manuel Belo de Oliveira. Foi sepultado em Fão.

— No dia 14 faleceu em Fão, após curto período de doença, Rosália Pereira da Silva Mota, com 75 anos de idade.

— No dia 18 e depois de prolongada doença morreu José Gonçalves Novo, mais conhecido pelo Zé Novo.

— Ainda no mesmo dia 18 faleceu no Lar da Terceira Idade, com 73 anos, Manuel José da Mota Pais.

— Em 27 de Dezembro morreu com 89 anos, Eulália Gomes Ferreira, mais conhecida por Eulália da Francisca Rosa.

Aos respectivos familiares «O Novo Fangueiro» apresenta sentidas condolências.

## ASSEMBLEIA DE MISERICÓRDIA

No mês de dezembro realizou-se a assembleia Ordinária da Santa Casa da Misericórdia para aprovar o Orçamento e Plano.

As despesas orçamentadas atingem quase os 170 mil contos, o que numa instituição fanguieira é de relevar.

# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Neste princípio do ano, os melhores votos de que ele seja para todos um ano muito bom. A vossa página está de parabéns, pois completa, neste número, dois anos de existência. Queremos agradecer a todos que nela têm colaborado, pois sem a vossa colaboração ela não seria possível. Continem!**

## GLORIOSOS TALHERES!

Por MARTA MARIZ MENDES

### CAPÍTULO I

#### A MANSÃO DOS SOUSAS

Era uma mansão confortável e grande. Tinha o rés-do-chão e mais dois andares.

A porta da rua era grande, de madeira resistente e muito bem trabalhada. Por toda a casa havia magníficos tapetes e luxuosos sofás. Na biblioteca, livros volumosos e belos quadros.

E, ao domingo, havia sempre um bolo de laranja ou de limão.

A casa, por fora, era amarela e cercava-a um jardimzinho, que tinha muitas flores, árvores e plantas. Ao fundo, uma parte cimentada e uma bela garagem. Era aqui, que a família Sousa vivia feliz.

### CAPÍTULO II

#### OA TALHERES

Na terra onde viviam os Sousa, existia uma aldeia de talheres, que não eram fabricados por ninguém e estavam vivos.

Os talheres meninos, aprendiam a dar de comer e, quando já fossem crescidos, caminhariam às escondidas até às lojas onde eles se vendiam.

Aí eram vendidos para executar o trabalho que aprenderam desde crianças.

Nesse dia, um «batalhão» enorme de talheres, foi para uma loja, onde seriam colocados numa caixa, para se venderem.

A partir desse momento, os talheres tinham 3 soluções, depois de cinquenta anos de trabalho: 1.º ficavam para sempre a trabalhar com as pessoas. 2.º se as pessoas os deitassem fora, caminhariam até à aldeia. 3.º já cansados, fugiam para a sua aldeia.

Na aldeia, se fosse o caso, seriam premiados.

(Continua)



Desenho de Isabel m.

## SÓ

*Um campo, um céu azum, o sol  
No meio, um homem só.*

*Uma casa, uma mesa, uma lareira  
No meio, um homem só.*

*Uma cidade, casas, gente  
No meio, um homem só.*

RUTH

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

*Impetus*

## PAUSA PARA SORRIR

Sebastiãozinho é filho único, criado sob os cuidados extremos da mamã. O menino cresce, sempre sob o olhar solícito e vigilante da mãe, faz o Liceu e vai à inspeção militar.

Apurado, é incorporado na Marinha. A mamã fica inconsolável. É a primeira vez que se separa do seu menino, que não pode fiscalizar se ele leva o cachecol nos dias de frio, se ele come com apetite ou anda fastiento.

Muito triste, vai assistir à largada do barco. Depois de muitas lágrimas, muitos abraços e beijos, Sebastião entra no navio. Sabendo que a mãe ficou no cais e que gostaria de o ver mais uma vez, entra num camarote vazio e, abrindo uma escotilha, mete a cabeça, tentando lobrigar a mãe.

Esta, vendo-o, grita, aflitíssima:

«Sebastiãozinho, Sebastiãozinho! Que está o menino a fazer com o barco à volta do pescoço???

★

Um homem embriagado tenta abrir a porta da rua com um cigarro. Passa um polícia e, observando a cena, repreende-o:

— Seu grande bêbado! Então você quer abrir a porta com um cigarro? O bêbado olha, perplexo, para a fechadura e para o cigarro, e exclama em voz pastosa:

Agora é que vão ser elas! Querem ver que fumei a chave?...

★

Um cavalheiro procura um barbeiro para lhe fazer a barba. Já estão todos fechados, excepto um que tem fama de muito desastrado, de golpear frequentemente os clientes. Não tendo escolha, vai a esse.

O homem quando o vê entrar, procura ser amável:

— Faça favor de se sentar, meu caro senhor! Folgo muito em o ver cá! de resto creio que já cá veio uma vez, há algum tempo, não foi?

— Não, nunca cá vim — responde o cliente. E acrescenta: — Esta cicatriz que tenho no rosto foi de um acidente de automóvel...

(Continuado do número anterior)



(Continua)

## SECRETARIA NOTARIAL DE BARCELOS

CERTIFICO, para efeitos de publicação que de fls. 89, verso, a fls. 90, verso, do livro de notas n.º 128-B, do 1.º Cartório, desta Secretaria, encontra-se exarada uma escritura do teor seguinte:

### CESSÕES DE QUOTAS

No dia dezassete de Novembro de mil novecentos e oitenta e nove, na secretaria Notarial de Barcelos, perante João Dionísio Alves de Araújo, notário do Primeiro Cartório, compareceram como outorgantes:

**PRIMEIRO** — ANTÓNIO BENTO e esposa ZULMIRA DE JESUS EIRAS, casados no regime de comunhão geral, contribuintes n.º 130961574 e 130961582, naturais da freguesia de Santa Eugénia, concelho de Alijó, residentes na Rua de Macau, n.º 5, freguesia de Fão, concelho de Esposende;

**SEGUNDO** — ALEXANDRE ILÍDIO ROCHA DE SÁ, contribuinte n.º 144046245, solteiro, maior, natural da freguesia de Pardonelo, concelho de Paredes de Coura, residente na Rua Amorim Campos, freguesia referida de Fão; e,

**TERCEIRO** — VALDEMAR CÂNDIDO SARAIVA GOMES DA COSTA, solteiro, maior, natural da freguesia de São Nicolau, concelho do Porto, residente na mesma Rua Amorim Campos, dita freguesia de Fão, contribuinte n.º 190485710.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos Bilhetes de Identidade n.º 2832063, 3776381, 3805631 e 8295057, emitidos em Lisboa em 6/8/87, 24/4/79, 2/4/85 e 28/10/88, respectivamente.

#### DECLARAM OS PRIMEIROS OUTORGANTES:

Que são os actuais e únicos sócios da sociedade comercial por quotas «BENTO & COMPANHIA, LIMITADA», com sede na Rua de Timor, freguesia de Fão, concelho de Esposende, pessoa colectiva n.º 501230130, matriculada na Conservatória do registo Comercial de Esposende sob o número cento e quarenta e nove, do livro C-Primeiro.

A referida sociedade foi constituída por escritura outorgada no Cartório Notarial de Esposende em nove de Dezembro de mil novecentos e oitenta, exarada a folhas dez, verso, e seguintes, do livro de notas número quatro-B, com o capital social, integralmente realizado, de duzentos mil escudos, dividido em duas quotas iguais de cem mil escudos, pertencendo uma a cada um deles sócios.

Que, pela presente escritura, cedem ao segundo outorgante, ALEXANDRE ILÍDIO ROCHA DE SÁ, aquela quota de valor nominal de cem mil escudos, que o marido possui na citada sociedade.

Que, igualmente, por esta escritura, cedem ao terceiro outorgante, VALDEMAR CÂNDIDO SARAIVA GOMES DA COSTA, aquela quota de valor nominal de cem mil escudos, que a esposa possui na referida sociedade.

Que fazem estas cessões por iguais preços aos dos valores nominais respectivos, que dos cessionários já receberam, e com todos os correspondentes direitos e obrigações e expressa renúncia à sua qualidade de gerentes, autorizando que a designação social se mantenha pelo período de noventa dias, a contar desta data.

#### DECLARARAM OS SEGUNDO E TERCEIRO OUTORGANTES:

Que aceitam as presentes cessões de quotas a eles fiente, nas condições exaradas.

Verifiquei a qualidade de únicos sócios atrás invocada e matrícula da sociedade, face à certidão emitida pela aludida Conservatória, que arquivo.

Arquivo, ainda, certidão emitida pelo Centro Regional de segurança social de Braga.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e feita a explicação do seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de todos eles, que adverti do agravamento do emolumento previsto no artigo vinte e quatro, da Tabela, de acordo com a sua requisição.

Secretaria Notarial de Barcelos, 17 de Novembro de 1989.

O 1.º Ajudante,  
Ilídio Morais Rodrigues

## CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

### SOLIDARIEDADE

*Muito se tem falado nesta palavra nos últimos tempos, principalmente nesta quadra natalícia.*

*Seria magnífico para todo o mundo que a ideia de solidariedade não fosse só de palavras e que todos nós a aplicássemos no nosso dia a dia.*

*Não a devíamos lembrar somente nos momentos de calamidade. Ela devia ser uma constante na nossa vida.*

*Devíamos ser solidários com aqueles que nos rodeiam, com aqueles com quem convivemos. com o amigo que está desempregado e que se esconde com vergonha; com o colega que tem dificuldades na adaptação do novo emprego.*

*Com os pais que têm problemas com os filhos drogados, com aquela família que tem um filho deficiente, etc.*

*Enfim, com todos aqueles que precisam de ajuda.*

*Dar, não é só contribuir monetariamente. Dar é algo mais.*

*Se todos os povos meditassem na profundidade da palavra «solidariedade», não havia tanta fome.*

*A África seria mais feliz e a Ásia mais compreendida.*

*O mundo é grande e se todo ele produzisse, sem fronteiras, não haveria necessidades, nem morreriam milhares e milhares de crianças, com fome, todos os anos. Haveria o pão nosso de cada dia para cada ser humano.*

*Mas não. Primeiro estão os interesses económicos, as balanças comerciais, os intercâmbios, etc., etc., levando as nações a olhar cada uma para os seus interesses, sem ver que o vizinho morre à fome.*

*Inutilizam-se toneladas e toneladas de comestíveis por ano, para que a abundância não desequilibre os preços estabelecidos.*

*A fome permanente dos povos com dificuldades não interessa.*

*Só em situações de calamidade é que a palavra solidariedade é lembrada. Nessa altura lá vêm os títulos nos jornais e citam-se nomes e grupos.*

*Depois... passa a catástrofe e esquecem-se as vítimas.*

*Elas recebem um pequeno donativo e ficam a braços com os seus problemas e as suas dificuldades.*

*São depois esquecidos, até que aconteça outra catástrofe.*

*Sinto às vezes vergonha do mundo em que vivo.*

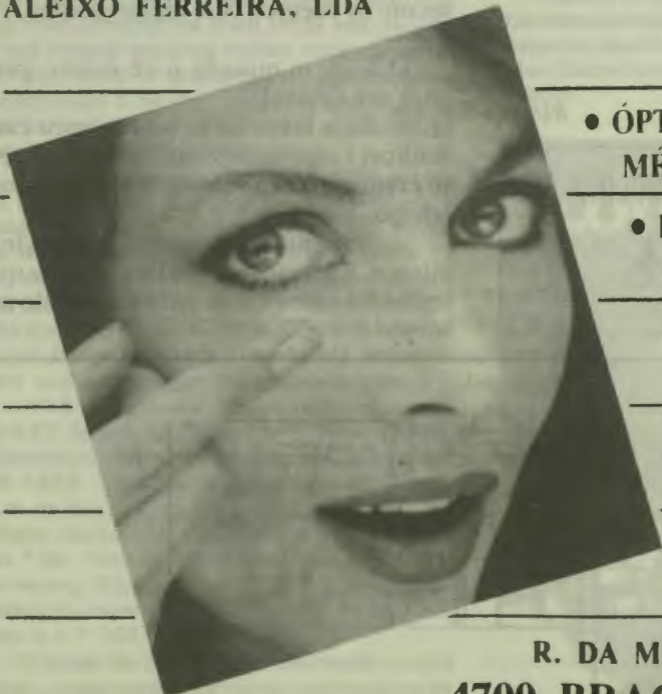
*Gostaria que em cada coração o sentido da palavra «solidariedade» tivesse um peso mais profundo, não só na parte material, mas também no campo da compreensão, da tolerância e do perdão.*

*Passou a quadra do natal e todos vamos retomar a nossa vida de afazeres quotidianos. No entanto, não deixam apagar em vós, essa chamazinha de amor que se acendeu nos vossos corações durante esta quadra.*

*Se todos nós quiséssemos, seria natal todos os dias, sem prendas, mas com uma visão dum mundo mais solidário.*

## ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA



• ÓPTICA  
MÉDICA

• LENTES DE  
CONTACTO

• APARELHOS  
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12  
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

# FARPAS DE ESCÂRNEO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

- Fão está em vésperas e nos primeiros dias de um futuro melhor, mais promissor. Os anos 90 já começaram. Temos, no mínimo, quatro anos, para provar que as promessas serão realidades: que havia mais e rentáveis coisas a fazer e que ainda se não fizeram; que os apoios que faltaram; que as ideias sugeridas; que os orçamentos inventados são e serão realidades observáveis.
- Não quereria fazer futurologia, mas seria uma desgraça se esta terrinha continuasse na mesma.
- Há pequenas coisas que sem grandes custos económicos se poderão fazer e sem pretender meter a foíce em seara alheia porque o bebé ainda agora nasceu, espero dar a minha colaboração — no Quim de Fão — para tornar Fão numa terra viva, onde a geração jovem trabalhe, colabore e dê gosto viver. Que se construam coisas para vivos e que não seja só necessário alargar o cemitério.
- Apesar dos aspectos menos bons; apesar da autarquia ter feito ouvidos de mercador; apesar da pouca rentabilidade do grupo autárquico com quem o Presidente cessante trabalhou; apesar dos aspectos negativos que lutas intestinas sempre trazem; apesar das que-relas institucionais e individuais provocadas pela sobrevivência no cargo; apesar de interesses individuais se terem sobreposto, algumas vezes, aos interesses da colectividade; apesar de algumas ameaças que não dele, Presidente, mas dos seus pares; apesar de muitas outras atitudes não serem no nosso ponto de vista, as melhores, em apelo à nova Junta, às instituições locais beneficiadas e prejudicadas, segundo a leitura que façam da actividade autárquica, eu apelo que se preste uma «justa» homenagem ao Presidente cessante, na justeza da sua actividade e que à mesa, que não com placas toponímicas como já alguém sugeriu, Fão lhe agradeça e o reabilite para outros afazeres, poderia ter sido outra governante e de altos voos se soubesse ser político mas os apêndices provocaram a sua queda. Os erros pagam-se e perdoam-se. Vamos unir Fão. Não vejam neste meu apelo ironia, não façam leituras distorcidas.
- Tocados e inflamados pela «varinha mágica» os fangueiros uniram as caras aos corações, derrubaram o muro da vergonha, esqueceram cores partidárias e num sopro de mudança, inspirados na lírica de Camões — Tudo muda, este mundo é composto de mudanças as vermelho ou a azul riscaram a cruz no grupo Pieira e Figueiredo.
- Só não aceita este comportamento quem não conhece a gente de Fão. Não há só Zitas Seabras no Sul, também cá as há, quando é preciso unir Fão.
- Isto não significa a imortalidade ou longevidade destes autarcas.
- Para já têm de admitir o Quim de Fão. Têm de aceitar a diferença de opinião. Têm de continuar a ler a «boa intenção» das minhas Farpas.
- Costuma-se dizer, sempre que alguém morre, «Era bom homem». Pois o velho senhor não morreu. Tenho a certeza de que passados estes momentos «trágicos», e, de admitida a derrota, normal em democracia, todos os candidatos a autarcas, — os da lista A, B ou C. Tenho a certeza que continuarão a lutar; continuarão a trabalhar noutras instituições para bem de Fão.
- A Junta de Freguesia não é só lugar de relevo, o único, têm também os Bombeiros, o

Hospital, o Futebol e tantas Confrarias. Já não falo em momentos esporádicos de procissões e compasso, onde por vezes, os candidatos ao lugar são poucos, sobretudo na opa.

• Lavada a roupa suja, purificada a alma com as prendas de Natal, o ano de 90 chegou.

• Sem ser conto de natal mas extraído de cenas do quotidiano e para abrir o apetite ao diálogo entre os homens-de-bom-vontade, leiam esta enternecedora e cândida conversa entre a mãe e os filhinhos de tenra idade.

Filho — Mãe, não vás trabalhar. Está muito frio, lá fora. Fica, em casa, hoje.

Mãe — OH! Filho! Não posso ficar. Tenho de ir ganhar o pão.

Filho — Não vás, mãe. Temos o pão seco de ontem. Hoje não precisas de ganhar o pão...

Outra.

Mãe — Filhos, rezai. Rezai ao Jesus para nos dar sempre o pão.

Filho (mais novo) — Jesus, dá-nos o pão. Não te esqueças de nos dar o pão...

Filho (mais velho) para o irmão — Burro, pede com manteiga...

• E se todos fôssemos assim? E se todos admitíssemos o direito à diferença de opinião? E se todos pusessemos acima dos nossos interesses, os interesses da comunidade. Com certeza haveria em cada um de nós um pouco deste «Filhos».

• Para abrir o apetite, nada mau. Mas estão à espera das minhas «Farpas». Então vamos a elas.

• Prendas de Natal. Foram muitas. O Pai Natal não se esqueceu da nossa terra.

• O mês de Dezembro trouxe chuva em tal quantidade que purificou a água da companhia; lavou os esgotos tingidos de quanta trampa havia e deu uma nova imagem ao Cávado. Menos poluído, mais negro, mais caudaloso e as primeiras lampreias já deram sinal. a dez notas de mil. Nada mau. Os robalinhos continuam a subir até à ponte e as solhas são de quilo.

• Outras prendas. A mudança. Uma nova administração autárquica — uma Nova Junta — numa Junta Nova. Era de esperar. Com os ventos que sopram de leste, — e que lestadada — houve tantas mudanças... de primeira até à quarta. Houve quem tivesse metido a quinta... mudança. vejam só!

• Mais prendas? Sim, as obras de Santa Engácia... que terão de ser acabadas e antes disso, talvez, reformuladas em novos moldes arquitectónicos.

• O Mercado dos matraquilhos — ficou provado com as últimas chuvas — está mal implantado. Só de barco. Precisa de mais altura. O nível é inferior ao do leito do Cávado.

• O alargamento do cemitério vai ser — está a ser — um bico de obra. Inestético e compartimentado. «Vamos unir os mortos» já que os vivos se unem à volta da mesa.

• Depois, num apelo ao voto e que se aceita, foram iniciadas pequenas obras que há necessidade de dar continuação.

• Temos de implementar, com o apoio de particulares interessados, infraestruturas turísticas para a nova época.

No próximo número, dedicarei as minhas farpas a esta e outras actividades de interesse local.

• E como de menino é que se torce o pepino, vamos todos apoiar os novos responsáveis a elevar e colocar Fão no lugar que merece e que já teve.

# CARTAS AO DIRECTOR

«Desastre» de 10 de Novembro

Sr. Director:

Não será por acaso que nos pequenos pormenores se consegue ver os bons ou maus (neste caso) serviços?

Que um jornal a quem eu já me prezo de ler, tenha uma gafe jornalística eu admito, mas não admito por exemplo que ao querer dar notícias, este mesmo jornal invente nomes e não se informe antes do nome da pessoa de quem a notícia é dada, para mais sendo essa pessoa vizinha da sua porta (50 metros). Sr. Director por Adriano Quinta Casanova eu que sou irmão, e, outros conterrâneos que provavelmente leiam a notícia, talvez o não conheçam, mas por Adriano Neiva ou Francisco Adriano Alves Neiva aí, sim.

Sem mais sr. Director, as minhas desculpas pelo atrevimento, me despeço fazendo votos para que o nosso jornal siga em frente com galhardia e sem atropelos.

JOSÉ NEIVA

★

A carta que se transcreve é quase simpática e o seu autor tem carradas de razão.

Pôs-se-nos, porém, este dilema: ou dávamos a notícia com possibilidade de errar o nome ou não dávamos qualquer informação do acontecimento. E isto porque quando o nosso amigo Zé Barbeiro nos falou do acidente, nós perguntámos pelo nome completo. «Não sei», foi a resposta do Zé. Tomámos, porém, nota que guardámos na pasta. Ora, quando foi para redigir a notícia, o que normalmente ocorre no Porto — 50 quilómetros e não 50 metros — tivemos que deduzir o nome do Adriano. O pai era o Neca Casanova, a mãe é Quintas, logo: Adriano Quintas Casanova. O nosso azar foi tanto que até o primeiro nome era Francisco Adriano.

De qualquer modo, o que interessou para nós foi que os seus familiares e amigos soubessem de quem se tratava. E isso aconteceu. Daí até a carta. E também as nossas desculpas.

Vamos agora explicar por que achámos a carta do nosso leitor quase simpática. É que o simples facto de termos mencionado o nome do Adriano, a propósito de um acidente, representa da nossa parte uma certa deferência para com a vítima (que houve de facto) e para com a família.

Um jornal local que tipo de notícias deve trazer? As mais relevantes, as mais invulgares, aquelas que ajudam a fazer a história de freguesias. Ora o que era relevante no passado, pode não sê-lo no presente. O José Neiva, ao ler os jornais antigos de Fão, verifica que dantes se dava ênfase ao que hoje é comezinho. Notícias como estas: «Fulano deslocou-se ontem ao Porto», «Cicrano esteve dois dias em Barcelos», «Fulano e Beltrano foram à Póvoa acompanhar o sr. Campos Morais que se retirou para Lisboa», não tem mais cabimento nos jornais de hoje. Um caso de acidente terá relevância se houver mortes. Em questão de doença, pode importar o destaque pessoal do enfermo.

Há pois uma certa liberdade de critérios a partir dum certo limiar do fenómeno. Não tenha dúvida, o José Neiva: o factor subjectivo também intervém e muito.

Daí acharmos mais ajustado que o nosso leitor tivesse escrito: *Agradeço* a notícia do acidente em que meu irmão foi vítima, mas... etc.

(Continua na pág. 8)

# CARTAS AO DIRECTOR

(Continuado da pág. 7)

O José Neiva deve ter dado também conta que nós, ao assumirmos o cargo de director de um jornal local, estamos a redigir permanentemente uma acta da vida de Fão. Fazemo-lo voluntariamente, é certo, gratuitamente, mas não desdenhamos que de vez em quando o reconheçam.

PS — Ainda bem que o embaixador dos Estados Unidos não nos escreveu a reclamar por aparecer Stats em lugar de States.

★

S. Paulo, 7/12/89  
Caro Armando

Fiquei muito sensibilizado em receber tua carta. Agradeço muito teu esforço em queres dar-me um abraço de despedida no aeroporto, mas como disseste, certamente cruzamo-nos pelo caminho. Valeu a intenção. Acredita que fiquei muito feliz em poder dar-te um abraço e mais feliz ficaria se pudesse ter abraçado todos os meus contemporâneos da infância e da juventude. De todos me lembro com grande saudade.

Não sabes que emoção senti em pisar de novo o chão da nossa terra, da nossa rua, da beira do rio. Em certos momentos não resisti e chorei, vendo pessoas amigas resistindo ao peso dos anos.

Quando passeava pelas ruas de Fão me sentia um marciano, um estranho, onde todos para mim eram desconhecidos. Fão foi invadida por estrangeiros, pensava eu. Acabaram com os clubes, com a nossa praia, construindo aqueles enormes prédios.

Onde estão nossos urbanistas? Nosso pinhal está acabando, necessita de reflorestamento. Precisam impedir que os forasteiros acabem com as belezas da nossa terra. Deviam criar uma comissão de urbanismo, para impedir de fazerem tanta besteira, não achas? Onde estão as forças vivas da nossa terra?

Sou assíduo leitor do teu jornal e sei o quanto tens lutados através de teus editoriais.

Que outros fangueiros te sigam e que teu jornal seja uma trincheira em defesa do nosso querido Fão. Assim espero.

Aproveito a oportunidade para por teu intermédio dar um forte abraço ao Albino, ao Cândido Reis, ao Umberto, ao Tião e ao Tino, aos teus irmãos, tua esposa e ao velho mestre Agonia.

Que todos vocês tenham um Feliz Natal e um Novo Ano repleto de felicidades.

Do teu amigo, aquele abraço

Raimundo.

★

Porto Alegre, 11 de Dezembro de 1989  
Senhor Armando Saraiva

Quem lhe escreve é uma patrícia que reside no Brasil desde 1938.

Sou assinante do Novo Fanguero que anseio sempre a sua chegada porque traz-me muitas recordações e me dá muitas saudades da minha querida terra.

Quero cumprimentá-lo pelo belo jornal com informações de alto nível e também muito autêntico e sincero.

Desejo-lhe um Natal muito feliz na companhia dos seus familiares.

Queria pedir-lhe se possível informar qual a época melhor dos frutos, como uva, pêssego, etc., pois pretendo se Deus quiser ir aí no próximo ano e queria aproveitar a época.

Um grande abraço com carinho da patrícia

Cremilda Lopes Costa

★

*Depois de lermos estas cartas ficam-nos forças e ânimo para prosseguirmos a nossa tarefa de levar Fão a todos os nossos conterrâneos. E que o caminho que resolvemos seguido tem sido o mais adequado. Gratos por tanta simpatia.*

*As pessoas que vivem fora «pesam o peso» que o jornal tem.*

*À Patrícia Cremilde: os melhores meses para as uvas e pêssegos são Agosto e Setembro.*

*Um abraço.*

# CONVERSANDO...

(Continuado da pág. 6)

*Natal é uma data histórica, pois comemora-se o nascimento de Jesus Cristo. Apesar disso, ninguém, ou poucos, seguem os seus ensinamentos.*

*Se atentamente os praticássemos, a palavra solidariedade seria cumprida à risca, e nela ficava englobado todo o amor que Jesus ensinou nos seus mandamentos.*

*«Ama o teu próximo, como a ti mesmo».*  
Natal de 1989

Cecília Paixão de Amorim

# ESPOSENDE

Caíu o pano sob as eleições autárquicas e, como era de prever, as mesmas não foram surpresa para ninguém, a não ser pelos resultados alcançados, em algumas freguesias, pelas listas afectadas ao PSD, principalmente Fão e Marinhas e do PS de quem se esperava mais.

Quanto ao CDS a queda não foi grande surpresa, os menos 10% de votação nas suas listas em relação às eleições de 85 era previsto, os Esposendenses queriam a mudança e para esta ser uma realidade escolheram o industrial sr. Alberto Queiroga Figueiredo.

Nós que acompanhamos muito de perto a campanha dos diversos candidatos, chegámos à conclusão que o povo do nosso Concelho escolheu aquele que mais garantias de mudança lhe oferecia, o mais ideal, o mais dinâmico, o mais jovem e o que mais vontade demonstrou para vencer.

Queremos acreditar que o jovem casal, sr. Alberto Figueiredo e sua esposa D. Emília, devem muito desta vitória a si próprios, pensamos para nós, que foram eles e não o PSD quem ganhou as eleições.

A juventude demonstrada, o discurso directo, a forma descontraída que apresentavam quando misturados no seio dos seus apoiantes nas diversas sessões de esclarecimento ou nas festas comícios levadas a efeito, fizeram do jovem casal o mais desejado e o mais querido, principalmente dos jovens deste Concelho.

Os jovens deste concelho acreditaram no sr. Alberto Figueiredo, que apresentou um programa recheado de novos valores como: a Cultura, a Educação, a Escola, o Desporto, a Velhice, a Infância e o Trabalho.

— No passado dia 24/12/89, faleceu em Esposende o sr. João Conde que contava 71 anos de idade.

Foi como 2.º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Esposende que mais se notabilizou aquele esposendense

JMRV

# DOENTES

Já se encontra restabelecido de uma intervenção cirúrgica a que foi submetido na cidade do Porto, o nosso assinante e conterrâneo, Carlos Barros Reis.

O Novo Fanguero deseja uma completa recuperação.

# ANTÓNIO PINTO MIGUEL

Por ter morrido um familiar, encontra-se de luto o nosso bom amigo António Pinto Miguel. Sentidos pésames.

# DESPORTO

Últimos resultados: Fão, 3 - Gavião, 1; Fão, 5 - Moreirense, 0; Negreiros, 4 - Fão, 5; Fão, 1 - Carreiros, 1. *Vamos à frente.*

# ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

# REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO  
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845



# FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## CULTURA PRÁTICA DO MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

A altura dos arames é pormenor que deve merecer bastante atenção por parte dos interessados nesta cultura. Se bem que a construção de um sistema elevado encareça muito a operação por requerer postes

maiores, é ela sobejamente compensada pela diferença de produção que origina. O rápido e vigoroso desenvolvimento das plantas contra-indica o uso de armações de menos de 1,50 m de altura, facilmente ultrapassadas pelas suas ramificações, que logo pendem e acabam por descair para o solo, pelo mesmo continuando a crescer, com os consequentes danos nos frutos e acréscimo de dificuldades em colheitas e pulverizações. A amarração das extremidades dos sarmentos, novamente ao arame, não é solução, pois prejudica os ramos que ficam por baixo, em virtude de sofrerem uma menor incidência dos raios solares.

Recomenda-se que os postes tenham 3,00 m de altura total, 0,50 m dos quais são enterrados. Estes postes são espaçados 4,00 m e no topo serão fixados arames que se manterão tensos por meio de esticadores colocados nas extremidades. A partir de 0,50 e 1,00 do topo deverão ser colocados mais dois arames, o que permitirá o bom desenvolvimento dos ramos e frutos.

Os postes das cabeceiras devem ter 0,25 m de diâmetro e os que ficam situados no interior, 0,15 m.

O arame deverá ser número 10 ou mais grosso, sendo no entanto de maior interesse o emprego de fios de aço número 6.

### 4.5 - PLANTAÇÃO

Escolhido o espaçamento e o sistema de condução, é feita a plantação em covas de 0,40 x 0,40 x 0,30 m, previamente abertas e adubadas com uma mistura contendo principalmente estruma e fósforo.

A fertilização por cova, que se sugere, é a seguinte:

- 20 a 30 g de sulfato de amónio
  - 40 a 80 g de superfosfato a 18%
  - 15 a 30 g de cloreto de potássio
  - 2000 g de estrume bem curtido
- ou
- 100 g de adubo 7-14-14 c/ boro e magnésio
- e
- 2000 g de estrume bem curtido.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Azubos Químicos • Insecticidas  
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •  
Importador Exportador

SEDE  
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 ..... PÓVOA VARZIM  
FILIAL  
R Filipa Borges ☎ 812199 ..... BARCELOS

As covas devem ser abertas pelo menos 30 dias antes da plantação, em Novembro ou Dezembro, devendo ter-se em atenção que as plantas devem ficar enterradas ao mesmo nível em que estavam nos sacos, pois, de contrário, podem morrer por asfixia. Após a colocação do torrão com as plantas, mas sem o saco, preenche-se a cova com terra fina, que se deve calcar.

Finda a plantação, rega-se, mesmo em tempo chuvoso, para que a terra melhor adira à planta, não devendo, contudo, haver qualquer subsequente calcamento.

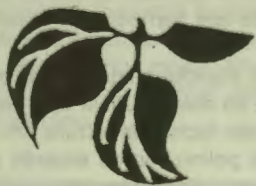
### 5 - TÉCNICAS CULTURAIS APÓS A PLANTAÇÃO

#### 5.1 - AMANHOS CULTURAIS

Após o estabelecimento da plantação, os granjeios devem consistir em limpezas periódicas visando que as ervas espontâneas prejudiquem o desenvolvimento e a produtividade das plantas; este efeito negativo das ervas é mais acentuado durante a época, altura em que entram em competição com a cultura no que respeita à diminuta humidade do solo.

Os utensílios a empregar variarão com as disponibilidades do fruticultor e com o planeamento da cultura. Quando o espaçamento é grande, torna-se possível efectuar amanhos totalmente mecanizados, empregando-se para isso o tractor com grade que rasgará superficialmente o solo; próximo das plantas e por baixo da armação, serão as infestantes eliminadas com uten-

(Continua na pág. 10)



**BATATA SEMENTE DE ALTA QUALIDADE! PRODUZIDA NA HOLANDA!**

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES  
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES  
CARACTERÍSTICAS PARÁ PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS ( - VERMELHAS: Asterix, Bartina,  
EM PORTUGAL ( Cleopatra  
( - AMARELAS: Berber, Concurrent,  
( Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,  
( Van Gogh

DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. - PORTUGAL, LDA.  
Apartado, 259  
Telefax (034)311912  
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

sílios manuais. Quando a distância entre as plantas é diminuta, os granjeios deverão ser realizados por moto-cultivadores ou a braço.

No Hawai têm-se obtido bons resultados com o emprego de herbicidas. Dos produtos testados o que melhor satisfaz é o «BASTA» na base de 4 a 5 litros para 600 a 900 litros de água, por hectare.

Como a vida económica da plantação é de 4 anos, pois a partir deste espaço de tempo a cultura tem uma grande quebra na produtividade, aconselha-se que após este período se proceda ao arranque das plantas e se sujeite o terreno, por 1 ou 2 anos, à cultura de uma leguminosa que, de preferência, será enterrada com a finalidade de melhorar a fertilidade e a estrutura do solo. Passado este prazo, e se não forem detectados nemátodos nas raízes, pode voltar-se à cultura; caso contrário, há que fazer uma desinfeção do solo e o maracujá só poderá voltar ao terreno passados 2 a 3 anos.

2 — ADUBAÇÃO

Referindo-nos novamente ao Hawai e aos estudos que, de longa data, ali se vêm fazendo sobre esta cultura, diremos que para uma densidade de 600 plantas são extraídos do solo 165 kg de uma mistura de elementos fertilizantes que se podem traduzir pela fórmula 10.5.20. Atendendo, porém, a que nem todo o adubo é absorvido pela planta e quando os solos são pobres em macroelementos, deverá, pelo menos, fazer-se uma adubação igual ao dobro do valor citado.

Sendo assim, a adubação anual por planta será de 55\* g do adubo composto 10.5.20, o que corresponde à seguinte mistura de adubos simples.

- 275 g de sulfato de amónio
- 150 g de superfosfato a 18%
- 220 g de cloreto de potássio.

A mistura deverá ser, de preferência, aplicada por duas vezes: uma no princípio e outra no meio da época das chuvas.

O adubo será colocado à volta do pé da

planta e nunca em contacto com este, sendo depois enterrado com uma ligeira cava; convém evitar, na medida do possível, que o adubo toque nas raízes, em virtude do seu efeito corrosivo.

5.3 — PODA

A formação do maracujazeiro é uma operação simples, cuja finalidade consiste em distribuir a planta sobre o suporte que a irá sustentar, dobrando os ramos, após o que a planta cuidará de si mesma.

Não é recomendável o emprego de técnicas ou sistemas especiais para se atingir o fim proposto. Unicamente será necessário guiar-se a planta, para que esta cresça verticalmente, procedimento que dá origem a uma reduzida ramificação lateral.

Nalgumas zonas constata-se que as plantas não podadas produzem mais do que as podadas, tendo-se verificado um acréscimo médio, nas plantas em estudo, da ordem dos 35% em relação às podadas.

Pode, no entanto, proceder-se a uma poda de formação, deixando 4 ramos que mais tarde darão, cada um, 2 cordões que se conduzirão em sentidos opostos sobre os 2 arames inferiores da espaldeira; a extremidade da haste será sempre despontada, bem como os cordões obtidos pela rebentação das gemas apicais. de cada ramo horizontal deixa-se sair um ramos de cerca de 0,30 m, que se desenvolverá na vertical até atingir o arame superior, ocasião em que se deve dobrar o ramo para que este cresça na horizontal. A partir daqui, pouco se deverá tocar na planta.

As principais razões que nos levam a poder são mais de ordem mecânica do que resultantes de conceitos culturais, já que a técnica apontada tem como efeitos mais positivos os seguintes:

1. Facilitar os tratamentos fitossanitários;
2. diminuir o peso sobre a espaldeira;
3. permitir uma insolação uniforme, que se traduzirá numa maior homogeneidade dos frutos;

4. eliminar as hastes que se encontram no chão, o que dificulta a colheita, além de poder deteriorar os frutos.

**estrela adubo**  
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA  
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		Paracetilato de metileno
Nitrogénio (N)	20 - 28	0,5 unidades por grama
Matéria orgânica (%)	25 - 28	
Amónio total (N) (%)	2,4 - 5	
Fósforo P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> (%)	3 - 5	
Potássio K <sub>2</sub> O (%)	3,5 - 3	
Carbono (C) (%)	20 - 25	
pH	6 - 7	
C% 17 a 25		

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINICULTURA  
CONSULTE-NOS  
Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA  
Telex 53386 Adubos P  
Tel. (032) 91282 - 91283  
Apart. 48 Vriato 3500 VISEU

**50kg KILOS**

6 — PRAGAS

O maracujazeiro está sujeito, como qualquer outra planta, a um elevado número de pragas. Alguns dos insectos que em torno dele é costume encontrar, são úteis ou mesmo indispensáveis — caso dos insectos polinizadores — mas outros consideram-se como altamente nocivos, podendo representar factor limitante da cultura; outros ainda, sem o prejudicarem também não lhe trazem quaisquer benefícios. Este facto dificulta o controlo das pragas, uma vez que não se podem aplicar indiscriminadamente os insecticidas; se tal se fizesse, matar-se-iam também os insectos úteis.

Pelo exposto, conclui-se que a aplicação dos insecticidas só deve realizar-se quando as flores estiverem fechadas, altura em que poucos insectos polinizadores estarão presentes. Lembra-se — facto já referido — que as flores do maracujá roxo somente se encontram abertas entre a madrugada e o meio-dia, enquanto as do maracujá amarelo estão abertas entre o meio-dia e o início da noite.

Das pragas que atacam o maracujazeiro, as principais são:

Mosca dos frutos *Anastrepha pseudoparallela*; Percevejos (*Mecistorhinus tripterus* e *M. pallescens*). Lagartas (*Dione juno* e *D. vanillae*); Afídeos (*Myzus persicae* e *Aphis gossypii*); Acaro vermelho (*Brevipalpus papayensis*).

A mosca ataca os frutos passados cerca de 9 dias após a polinização, originando a sua queda prematura. Os percevejos, além de atacarem os frutos, também causam estragos nas folhas e nos botões florais.

As lagartas comem as folhas, causando danos de grande gravidade, principalmente quando a planta é jovem.

(Continua no próx. número)

**CALIBRADORES DE FRUTA**

**MINI-LINHA COMPACTA**

Indicada para espaços limitados  
Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

**TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA**

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

# ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS

(Continuado da pág. 12)

rial é suficiente e explícito. No que diz respeito ao concelho, os resultados foram outros, queremos dizer, verifica-se uma subida muito significativa do PS que de 865 em 1985 subiu para 1960 nestas últimas eleições. Por poucos votos o PS metia um vereador e isso dar-lhe-ia a posição de pendulo decisivo: 3 (PSD), 3 (CDS), 1 (PS).

O grande vencedor foi pois Alberto Figueiredo (PSD) que conseguiu mais 2027 que em 1985 e portanto a maioria absoluta.

Por que ganhou o PSD? Este partido saiu vitorioso porque o CDS perdeu estrondosamente. E perdeu porquê? Enumeramos sucintamente os factores principais ou que nos parecem ter sido os principais: ausência de um líder do tamanho de um Eng. Losa de Faria; uma certa inoperância administrativa ampliada por uma oposição que nos pareceu mais obstrucionista que construtiva; dissidência e afastamento dos chamados *Homens do Presidente* que tudo fizeram para desacreditar o seu partido local, inçando-o de acusações graves; o declínio do CDS a nível nacional. A estes factores juntamos uma campanha morna e uma certa ingenuidade política da ex-Presidente que traduziu como verdadeiros todos os sorrisos e salamaques que a cercavam.

O PSD desenvolveu uma campanha à americana, baseada na personalidade do seu cabeça de lista e numa largueza de fundos bem demonstrados. O seu discurso sobre emprego e habitação foi atentamente escutado. Sem ter sido alguma vez posto à prova, o povo acreditou na sua palavra. Espera-se por isso uma ingente tarefa.

O PS conseguiu um bom resultado. Fez uma campanha racionalizada, extraordinariamente activa, com muita verdade, sem demagogias nem promessas. O dr. Juvenal fez-se rodear de um staff extraordinariamente dedicado e operoso. Por uma unha negra não colocou um vereador. Lembramos que se trata de um concelho eminentemente rural, com uma indústria incipiente e com mão de obra predominantemente feminina. Depois, empresários como Alberto Figueiredo destroiem o tradicional antagonismo patrão/operário.

É verdade que o PS, nos idos de 75, me-teu já um vereador mas isso foi numa época de instabilidade em que muita gente se refugiou no PS para proteger as costas.

De qualquer modo o PS saiu revitalizado no concelho.

Quanto ao PC, reafirmamos o que já dissemos em tempos. Com um cabeça de lista para a Câmara, de «casa», não se auguravam bons resultados, como se constatou. E não venham agora dizer que as nossas palavras são tendenciosas.

## QUANTO VÃO GANHAR OS AUTARCAS FANGUEIROS

O Presidente da Junta ganha 25.712\$00, o Tesoureiro 20.570\$00, o Secretário 20.570\$00 e os vogais nada.

Os membros da Assembleia de Freguesia recebem 1.286\$00 por cada presença.

A estes vencimentos há que descontar o IRS pelo que na prática os honorários reduzem-se a metade.

## FORMATURAS

*Os jovens esposendenses Juvenal Silva, Francisco José Barros Marques e seu irmão Luís Manuel Barros Marques acabaram a sua formatura respectivamente em Nutricionismo, Direito e Engenharia Textil. São filhos, o primeiro do dr. Juvenal Silva e os dois últimos do dr. Brás Marques.*

*Como uma formatura é uma coisa importante na vida de uma pessoa e um enriquecimento para a terra, os três jovens e seus amigos, também na flor da vida, resolveram comemorar o evento com um jantar na Lareira, típica casa de fados existente em Fão.*

*Foi uma noite bem vivida. Aquela mocidade, cheia de vida e boa disposição, com muita graça, a tal graça, académica, encheu aquela casa de fados de contagiante alegria não faltaram os eferreás, onde as anedotas e o cascalhar de gargalhadas estridentes.*

*Em certos momentos fazia-se silêncio para se ouvir cantar o fado. Actuaram vários artistas. Mário Belo e a sua guitarra estiveram presentes. O Mário e o seu inconfundível estilo vieram para ficar. Saudações. Queremos saudar ainda o retorno de Helena Bento, uma fadista, não vamos dizer de raça mas autêntica, que se exprime num tom dolente, suave quase patético. Admiramos em Helena Bento a parcimónia do gesto, a economia da voz, a ênfase fatalista, as nuances do tom, ora ternurento, maneirinho, ora vibrante, sólido, impositivo. Uma fadista que interpreta o fado com todo o destino que ele contém.*

*A «malta» e os restantes comensais escutavam religiosamente a «mensagem». De vez em quando mais um eferreá. Então surgiu o inevitável: que alguém cantasse o fado de Coimbra. Os jovens mandavam «cunbas». Zita Saraiva, que se encontrava presente, cedeu à pressão. E o silêncio voltou à Lareira com «Coimbra tem mais encanto» e outros. Zita Saraiva é uma fidedigna intérprete do fado de Coimbra, apesar de ser mulher.*

*Uma noite diferente como são todas as noites da Lareira.*

*Um eferreá aos novos doutores.*

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Ceclília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
José Ferreira Neves  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.



A BRASILEIRA  
PORTO

Nós somos café



### ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



**HOTEL DO PINHAL** ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Cem quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhoas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

# O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

## FIM DE ANO

*Foi no último dia do ano, ao entardecer. Junto a uma paragem de transportes públicos, algumas pessoas aguardavam, pacientes, o autocarro que tardava. A noite descia, fria e límpida. No outro lado da rua, uma padaria, dessas que têm pão quente e bolos todo o dia, inclusive aos domingos, rebrilhava, profusamente iluminada, palpitante de movimento. Através dos vidros, impecavelmente limpos, podia ver-se a azáfama dos padeiros, à volta do forno, e os rostos afogueados das caixeiros que, ao balcão, não tinham mãos a medir.*

*Foi então que surgiu o garoto. Teria uns seis anos, talvez. cabelo escuro, revoltado, uma teimosa madeixa a escorregar-lhe para a testa, olhos claros e expressivos no rosto miúdo e pálido. Trazia uma blusa demasiado comprida, arregaçada nas mangas, e uns calções de cor indefinida.*

*Aproximou-se da fila de espera, na paragem, e percorreu com olhar avaliador as pessoas que nela estavam. Optou por um cavalheiro de certa idade, vestido de escuro.*

## LUÍS VIANA

Uma vez que não ganhou as eleições de 89, Luís Viana deixou de estar à frente da Junta de Freguesia. É incontestável que o ex-Presidente da Junta se dedicou totalmente à sua terra, destinou-lhe todas as horas vagas e muitas das não vagas.

Ao longo dos seus mandatos fizeram-se importantes obras que colocam Luís Viana na galeria dos Presidentes considerados bons desta freguesia. Verdade seja que as condições são diferentes, totalmente diferentes das que existiam anteriormente aos anos 74, pelo que se torna difícil comparar o mérito de um actual autarca com o dos seus pares dos tempos de outra senhora. Mas que as obras se fizeram, isso é um facto.

Fomos crítico de Luís Viana ao longo dos seus mandatos. A sua filosofia acerca do progresso de Fão não coincidia com a nossa e logicamente a sua escala de prioridades não estava hierarquizada segundo os critérios que perfilhamos. Depois Luís Viana não sabia dizer não a algumas solicitações inquinadas que lhe apresentavam. Mas quem se julgará indolente em circunstâncias análogas? As cobranças políticas tem muita força, e a amizade também.

Nós temos defendido que numa localidade não só é benemérito aquele que faz a entrega de quaisquer dádivas. Os dirigentes das agremiações locais que se dediquem a seu munus associativo com vontade e eficácia são outros tantos beneméritos, o mesmo se podendo dizer dos autarcas que desenvolvem um trabalho útil.

Entendemos pois que Luís Viana merece sair pela porta grande. Reiteramos por isso a sugestão do Quim quanto a um jantar de homenagem. Seremos o primeiro da lista.

*Tocando-lhe de leve na manga, pediu: — «Meu senhor, dê-me alguma coisinha para eu ir ali à padaria comprar um bolo! Lá ainda são a 30\$00, mas até agora só consegui 10\$00. Dê-me alguma coisinha p'ra ajuda, dê!»*

*O senhor idoso olhou-o demoradamente, com um sorriso doce e nostálgico de avô sem netos. — «Então querias um bolo?» — «Querias, pois, mas o dinheiro não chega». Sem deixar de sorrir, o cavalheiro puxou do porta-moedas e meteu uma de 50\$00 na mão do garoto: — «Toma, vai lá comprar dois bolos.»*

*O miúdo olhou-o, imóvel, incrédulo. Mas foi só um momento. Logo um rasgado sorriso lhe iluminou o rosto magro e todos nós sentimos o reflexo dessa luz. — «Obrigado! obrigado!» — exclamou, radiante. E, aos saltos, zigzagueando por entre os carros, atravessou a rua e entrou na padaria. Podíamos vê-lo, em bicos de pés para chegar ao balcão; e, depois de atendido, todos nós o seguimos com os olhos saindo para a rua, caminhando devagar, um bolo em cada mão, trincando alternadamente num e noutra. Depois, a multidão envolveu-o e nela se sumiu o seu vultozinho franzino.*

*Então, olhámos uns para os outros com um sorriso de cumplicidade. Era como se partilhássemos algo de secreto, uma emoção já esquecida ou ignorada de grande parte das pessoas: a de contemplar a alegria espontânea e cristalina de um garoto — a felicidade luminosa e quente que se espelha no olhar transparente e límpido de uma criança que sorri.*

## ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS

### ESPOSENDE:

Câmara — 16.822 votos válidos  
CDU - 353; PS - 1960; CDS - 6342; PSD - 8167.

Ass. Municipal — 16.740 votos válidos  
CDU - 432; PS - 2232; CDS - 6253; PSD - 7823.

### FÃO

Ass. de Freguesia — PSD - 869 ; CDS - 519; CDU - 82; PS - 70.

Câmara — PSD - 909; CDS - 484; CDU - 57; PS - 144.

Ass. Municipal — PSD - 858; CDS - 460; CDU - 84; PS - 135.

Que leitura fazer destes números? No que diz respeito a Fão, entendemos que o edito-

(Continua na pág. 11)

## MÃE NATUREZA

No final do Verão  
O fruto com saudades da raiz  
Inclinou para o chão  
O seu rosto enrugado  
E logo lhe caiu o coração.  
Dormiu, dormiu feliz  
Um sono longo, repousado,  
Bem dentro do colchão  
Da terra, mãe da vida.  
— Que lindo sonho!...

E quando a Primavera apareceu  
Com semblante risonho,  
Um rebento nasceu  
Da semente escondida, adormecida.

Depois cresceu, cresceu  
Com folhas e com flores.

Vieram borboletas multicores,  
Abelhas rumorosas a adejar...  
E ao meio do Verão,  
Pendiam do balcão  
Novos frutos formosos a sonhar,  
Com corações pequenos a pulsar.

DINIS DE VILARELHO  
Gondomar, 12-03-1987

## ASCÂNIO M M M

O nosso conterrâneo Ascânio M M M, considerado um dos mais brilhantes escultores contemporâneos do Brasil, cujo perfil já neste jornal foi evocado, inaugurou no Instituto dos Arquitectos do Rio de Janeiro, uma exposição individual. A maior peça da exposição, uma grande pirâmide com quatro metros de altura, em alumínio, está à venda pela quantia de 16.000 contos.

Este preço serve de medida ao valor do nosso conterrâneo e dá uma ideia do seu prestígio.

## VISITANTE ILUSTRE

*Acompanhado de sua esposa, esteve em Fão, de visita a seus familiares, o embaixador Vasco Mariz, filho do grande benemérito Joaquim Mariz.*

*Lembramos que o dr. Vasco Mariz iniciou a sua carreira diplomática exercendo o cargo de Consul na cidade do Porto. Depois disso foi embaixador na Checoslováquia, Estados Unidos e outros países.*

*Musícólogo ilustre, tem alguns livros publicados, sendo ainda credenciado compositor.*

«O NOVO  
FANGUEIRO»

FÃO